

## **Relação professor-aluno observada na série Merlí**

Bruno Biscaia de Oliveira<sup>1</sup>, Gabriela Bolsoni Tomasi<sup>2</sup> e Mateus Bellotto Engemann<sup>3</sup>

<sup>1-3</sup> Graduando de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

### **Resumo**

A relação entre aluno(a) e professor(a) mostra-se um componente essencial do processo de ensino e aprendizagem, sendo que tais relações e interações podem tomar formas diversas. A partir da observação da série “Merlí” (Netflix), puderam ser identificados aspectos subjetivos positivos e importantes para o aprendizado dos alunos, nessa relação específica entre o professor Merlí e seus alunos. Algumas questões presentes nessa relação, consideradas relevantes, foram analisadas como: a motivação provocada pelo professor, o engajamento dos alunos na sala de aula e a relação próxima entre aluno e professor dentro e fora da sala de aula. Por fim, foi possível traçar relações desses aspectos com a realidade e com as evidências científicas, demonstrando o impacto dessas questões em todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras chave:** interação, relação aluno-professor, motivação, engajamento.

## Introdução

O(a) professor(a) como transmissor(a) de conhecimentos e de valores assume responsabilidade enorme no contexto atual, tendo como tarefa a formação de pessoas dotadas de capacidade reflexiva, de conhecimentos relevantes e de capacidade de exercer cidadania. Sendo assim, ao procurar promover transformações sociais, os professores(as) devem ser tomados(as) como atores(as) de papel principal. Mas para promover tais transformações, é necessário estar familiarizado com tal função e para isso não se pode deixar de lado um ponto central que é o caráter relacional da função (Cornelius-White, 2007).

A relação que se dá entre aluno(a) e professor(a) é essencial de ser compreendida, principalmente quando visa-se a qualificação do aprendizado de alunos(as) e efeitos positivos na subjetividade de todos envolvidos (Bergen & McGrath, 2020). Observando relações e traçando paralelos com a literatura, será possível compreender mais sobre constantes que permeiam as trocas entre alunos(as) e professores(as), formas de ensinar e seus efeitos, além de métodos que promovam essa qualificação tanto do aprendizado quanto de aspectos subjetivos de ambos(as).

Após desenvolver o cruzamento entre a observação de relações e conhecimentos, poder-se-á compreender melhor o que faz um (a) “bom(oa) professor(a)” (entendendo como alguém capaz de transmitir conhecimentos e valores que serão úteis na vida dos(as) alunos(as), além de promover transformações de vida dos mesmos), o que deve ser melhorado no ensino e o que deve ser mantido, além de compreender melhor os fundamentos psicológicos envolvidos, como afeto, relações interpessoais (que também extrapolam a sala de aula), engajamento, etc, e como eles são estruturantes para essas relações. Ao avaliar isso e desenvolver melhores percepções sobre o que é ser professor(a) e principalmente ser um(a) bom(oa) professor(a), será possível realizar a

qualificação das relações abordadas pelo estudo para a partir disso empreender ações capazes de transformação social.

**Objetivo Geral:** Analisar as relações entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, por meio de uma série televisiva, com ênfase na qualidade dessas relações.

### **Objetivos Específicos**

- Descrever como é a relação do professor com seus alunos no contexto de sala de aula;
- Compreender diferentes aspectos que compõem a relação professor-aluno, dentro e fora da sala de aula;
- Demonstrar diferentes modos de ministrar aulas que perpassam as relações entre professores e alunos.

### **Revisão de Literatura**

Comportamentos de proximidade imediata por parte dos professores vêm sendo associados frequentemente como facilitadores do aprendizado dos alunos e visto como aspecto importante para um ensino efetivo. Isto é, comportamentos como chamar os alunos pelo nome, perguntar aos alunos sobre eles e também pedir a opinião deles. De uma forma não verbal, esses comportamentos poderiam ser sorrir aos alunos, fazer contato visual, se mover na sala de aula e variar o tom de voz enquanto fala (Frymier & Houser, 2000). Tudo isso também está relacionado com as habilidades de comunicação do professor, que são muito importantes para o aprendizado, como por exemplo, passar a informação de maneira clara e não ambígua (Burlison & Samter, 1990, citado por Frymier & Houser, 2000).

É essencial destacar que a qualidade do processo de ensino e aprendizagem não depende apenas da maneira que o professor passa o conteúdo, mas também depende

fortemente da relação pessoal. É claro que usar bons métodos de ensino e dispor conhecimento é importante, mas os professores devem buscar uma maneira de ter equilíbrio entre essas dimensões para que consigam facilitar o aprendizado dos alunos (Frymier & Houser, 2000).

Dessa maneira, algumas das habilidades de comunicação entendidas como mais importantes pelos alunos, que predizem aprendizado e motivação, são o apoio e as habilidades referenciais. De uma forma geral, habilidades referenciais consistem em explicar o conteúdo efetivamente, o que pode reduzir sentimentos de incerteza por parte dos alunos, pois os faz compreender os objetivos e expectativas do professor em relação ao que foi passado (Frymier & Houser, 2000). Já o apoio se refere a uma questão mais relacional, como motivar, encorajar, reforçar ou recompensar os alunos. O apoio faz com que os alunos melhorem sua auto-estima, que se sintam bem e em controle de seu ambiente (Frymier & Houser, 2000).

Outros estudos também corroboram com os achados anteriores, como mostrado por Távora et al. (2020), em que tanto os estudantes quanto os professores participantes valorizaram especialmente habilidades de interação, características pessoais e atitudes no ambiente de estudo, enquanto outras como usar metodologias de ensino novas e a apresentação do plano de ensino não foram consideradas tão relevantes. Ainda, são muito importantes as perguntas feitas pelo professor, afinal são consideradas uma maneira de ensinar influente, o jeito mais simples que existe para os professores estimularem a participação dos alunos, o pensamento e questionamento deles, além do aprendizado (Wilén & Clegg, 1986).

Da mesma forma, quando uma relação de confiança surge entre aluno e professor, em que ambos se importam com o outro, é criado um espaço de aprendizado seguro, tornando muito mais fácil a participação do aluno, fazer perguntas, pedir por

*feedback* e esclarecimento. Uma relação afetiva de qualidade é um fator importante para o engajamento, bem estar, e sucesso acadêmico dos alunos. Assim, enquanto aprender coisas mais simples e básicas pode ocorrer facilmente sem o benefício da interação humana, como em vídeos na internet ou em livros, níveis mais elevados de compreensão, como análise, síntese e avaliação podem necessitar da interação entre aluno e professor (Frymier & Houser, 2000).

A partir do que foi dito acima, alguns aspectos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem e à relação entre aluno e professor foram escolhidos para serem tratados com mais ênfase e posteriormente analisados, sendo eles:

### **Motivação Provocada pelo Professor**

Um(a) aluno(a) motivado(a) é aquele(a) que se envolve de maneira ativa nas tarefas pertinentes do processo de atividade e aprendizagem (Bzuneck, 2009 citado por Meireles, 2015). A motivação é o que propicia ou impulsiona uma ação e é responsável pelo início, manutenção e/ou término de uma ação específica (Meireles, 2015).

O apoio por parte do(a) professor(a) pode predizer ou interferir na motivação de alunos(as). Comportamentos como motivar, encorajar, reforçar ou recompensar são considerados comportamentos de apoio. O apoio faz com que alunos(as) melhorem sua auto-estima, que se sintam bem e em controle de seu ambiente (Frymier & Houser, 2000).

É essencial ressaltar que a motivação do(a) aluno(a) não depende só dele(a) ou de sua força de vontade, mas sim de todo o contexto em que se encontra, podendo apresentar diversas razões para a desmotivação. Afinal, a motivação está atrelada a fatores além dos cognitivos, como os sociais e os fatores externos, que são determinantes nesse processo. Se o(a) aluno(a) está desmotivado(a) isso não é apenas

responsabilidade dele(a), mas sim da escola, dos pais, do ambiente da sala de aula e dos(as) professores(as) (Meireles, 2015).

Alguns aspectos muito relevantes na relação entre professores(as) e alunos(as) são as forças internas do indivíduo, que é composta pelos seus interesses, necessidades, desejos, e o incentivo dado a ele(a). As crenças, valores e ideias do indivíduo são muito importantes nos processos motivacionais. Claramente, levando tudo isso em conta, a prática do professor é um fator propulsor no processo de motivação para aprendizagem (Meireles, 2015).

Entretanto, apesar de o(a) professor(a) ser uma parte essencial na promoção da motivação dos(as) alunos(as), quando a sua própria motivação está prejudicada, seja por fatores externos ou condições não favoráveis para o trabalho, isso se mostrará na prática e poderá comprometer o aprendizado dos alunos, afetando o entusiasmo e interesse que o(a) professor(a) deveria conseguir comunicar aos estudantes (Carvalho et al., 2007, citado por Meireles, 2015).

### **Engajamento dos Alunos em Sala de Aula**

Ocorre quando(a) o aluno(a) presta atenção e se envolve ativamente com o conteúdo, por exemplo, quando elabora perguntas, emite respostas ao questionamento ao professor, participa de debates, e/ou quando o aluno utiliza conhecimentos ministrados em sala de aula no contexto cotidiano.

Foi demonstrado que a qualidade das perguntas feitas pelo professor em sala de aula está diretamente associada com o desempenho dos alunos (Redfield & Rousseau, 2015). Perguntas de alta demanda cognitiva, que exigem a manipulação construtiva do conteúdo, estão associadas com melhor desempenho do aluno do que perguntas de baixa

demanda cognitiva, que apenas exigem a lembrança de algo sobre o conteúdo (Redfield & Rousseau, 2015).

Além desse aspecto das perguntas, também é relevante o tipo de acompanhamento (ou *feedback*) que é realizado após os alunos as responderem. De acordo com Cullen (2002), isso se dá por meio de uma relação sequencial pergunta-resposta-acompanhamento cujas funções dão possibilidades pedagógicas ao professor. Uma delas é a função avaliativa em que é possível verificar se os alunos compreenderam o conteúdo. Normalmente, há a expectativa de uma resposta considerada correta quando esse tipo de pergunta é feita e se esse for o caso, ela será confirmada enquanto que se estiver errada será corrigida. Outra possibilidade é a função discursiva que permite que o professor incorpore o conteúdo das respostas dos alunos no discurso da aula (Cullen, 2002). Nesse caso, não há necessariamente uma expectativa de uma resposta correta. É importante que durante a aula ocorra um equilíbrio entre as funções do acompanhamento, pois caso favoreça a avaliativa não possibilitará a construção de um diálogo entre a classe, enquanto que se a função discursiva prevalecer, não deixará que os alunos reparem e corrijam seus erros (Cullen, 2002).

Além disso, a personalidade, as preferências sobre o modo de pensar e de aprender influenciam sobre as preferências de tipos de aulas dos professores. Enquanto alguns preferem uma aula de caráter mais expositivo, outros podem preferir uma abordagem que incentiva a manipulação e reflexão do conteúdo. Apesar dessas diferenças, são raros os estudantes que não gostam de professores que os ajudam, que são claros, que promovem a liberdade dos alunos e que mantêm a sua atenção em sala de aula (Yu & Chen, 2012).

### **Relação Próxima entre Aluno e Professor Dentro e Fora da Sala de Aula**

Estudos como a metanálise realizada por Cornelius-White (2007) demonstram a eficácia de métodos de ensino usados por professores que são voltados para o estudante, sendo a empatia, o encorajamento do pensar e aprender, relações positivas, entre outras, as variáveis reconhecidas como mais decisivas para melhores resultados dos estudantes.

Relacionada a essas variáveis, geralmente a proximidade entre aluno e professor é considerada como especialmente relevante, podendo ser essa relação dentro e fora de sala de aula e envolvendo diversos temas, relacionados ou não às aulas. Como mostrado por Hargreaves (2000) em entrevistas com professores, relações fora da sala de aula tem um forte apelo tanto para os professores quanto para os alunos, por exemplo, ao comunicar estados emocionais expressando e tornando mais fácil a tomada de conduta de ambos, ou ao professor se mostrar disposto a tratar de assuntos de aula que estejam causando preocupação aos alunos, ou quando o mesmo trata de assuntos de interesse do aluno assim facilitando a criação de vínculos, etc.

Embora os professores, em maior parte, tenham que lidar com a turma em que lecionam como um todo, as relações individuais ganham enorme importância principalmente na construção de vínculos, como observado na pesquisa de Buyse et al. (2010, p.44, tradução dos autores):

Contrariamente à proximidade professor(a)-aluno(a), a sensibilidade do(a) professor(a) para a turma como um todo não funcionou como minimizadora contra comportamento agressivo. Isso pode indicar que é especificamente a relação afetiva bilateral entre a criança e seu (sua) professor(a) que afeta o ajustamento comportamental da criança.

Além disso, o estudo em questão em questão indica que a relação próxima e a sensibilidade ainda têm importante papel protetivo para crianças em condições consideradas negativas. Como traz Buyse et al. (2010, p.45, tradução dos autores):



Mais especificamente, em casos de baixa sensibilidade por professores(as), crianças com ligações menos seguras com suas mães tem maior risco de baixa proximidade do que crianças com ligações mais seguras. Com maior sensibilidade pelo professor, por outro lado, crianças com ligações menos seguras não apresentam mais alto risco à baixa proximidade na relação professor(a)-aluno(a) do que seus pares com relações mais seguras.

Outros estudos também reforçam a correlação entre relações próximas e expressões de sentimentos mais empáticos, mesmo com estudantes que apresentam comportamentos chamados “disruptivos” (McGrath e Bergen, 2019).

Mas um grande problema que deve ser tratado é o de que a proximidade não significa ausência de conflitos, algo que muitos estudos tratam de forma dicotômica, na qual a proximidade é caracterizada como positiva e livre de conflitos, e também são caracterizadas como negativas relações distantes e que apresentam dependência por parte do estudante (Bergen & McGrath, 2020). Portanto, é importante notar que nem todas as relações próximas vão ser livres de conflitos e também que a dependência pode ser uma forma construtiva de interação e apoio por parte do(a) professor(a) para o(a) aluno(a), como dito pelos autores Bergen e McGrath (2020) “se a dependência é desenvolvimentalmente ou contextualmente apropriada, e não causa problemas relacionais, então não existe razão particular para intervir. No entanto, caso tenham consequências negativas para o estudantes, então a intervenção é apropriada” (p.17, tradução dos autores).

### **Método**

Nesse artigo, será utilizado o método de observação indireta, valendo-se de um exame minucioso e atento de alguns episódios e cenas da série televisiva “Merlí”,

registrando-os de maneira sistematizada. A série, criada por Héctor Lozano, foi inicialmente produzida pela TV3, estreou na Catalunha (Espanha) em 2015 e teve seus direitos comprados pela Netflix (2017). Conta com 3 temporadas e 40 episódios no total. Essa série foi escolhida para realizar a observação, pois ela aborda muitas questões relacionadas ao objetivo deste trabalho, como a relação aluno-professor, o ambiente da sala de aula, a motivação e engajamento dos alunos, como os alunos se apropriam do que aprendem para transpor seu aprendizado no dia a dia, etc.

De uma forma geral, a série conta a história de um professor de filosofia do ensino médio em Barcelona chamado Merlí Bergeron (Francesc Orella). Ele é apresentado como um professor pouco convencional e que tem dificuldades de se adaptar às regras do meio acadêmico por meio de momentos como, no primeiro episódio, ao levar os estudantes de sua sala para andar pela escola, apresentando aos alunos tanto os filósofos peripatéticos quanto noções gerais de filosofia. Outra cena representativa desse comportamento é quando Merlí está dando aula do lado de fora do prédio da escola e faz uma pichação nesse prédio, que diz “Hume”, enquanto explica o conteúdo. No início da série, Merlí consegue um emprego em uma nova escola e a história se desenvolve a partir de suas aulas, que sempre trazem uma escola de filosofia ou um filósofo diferente, como os Peripatéticos, Platão, Maquiavel, Aristóteles, Sócrates, Schopenhauer, Foucault, Guy Debord, os Sofistas, Epicuro, Hume, Nietzsche, entre outros.

Merlí costuma ser crítico quanto às aulas e métodos de ensino, como, por exemplo, ao confrontar o professor Eugeni (Pere Ponce) que favorece apenas estudantes engajados na matéria ao invés de tentar engajar todos. Por vezes também “questiona a autoridade”, como ao confrontar os pedidos e ordens do diretor Toni (Pau Durá). Além disso, também tende a se aproximar bastante dos alunos no âmbito pessoal, é aberto, dá

conselhos, ajuda os alunos, etc. Ele sempre tenta mostrar como a Filosofia é aplicada o tempo todo na vida das pessoas, assim como ela se relaciona com os desafios, problemas e questionamentos dos estudantes. Em muitos episódios, que seguem a história de alguns alunos após a aula, o conteúdo da aula se relaciona com o que está acontecendo na vida da pessoa e também como ela escolhe agir perante aos acontecimentos.

Por várias vezes, Merlí tem atitudes questionáveis (como ao sabotar uma competição de poesia, sugerindo à turma à qual leciona que façam um poema em conjunto), e falhas, agindo de formas antiéticas em sua conduta como professor (como ao roubar as provas de um outro professor para ajudar o próprio filho), o que mostra sua humanidade e também serve de base para quem está assistindo refletir sobre essas questões. Vale comentar também que, apesar de ter boas relações afetivas com os alunos, sua relação com os outros professores muitas vezes é conflituosa, como mostrado em um episódio que até mesmo ocorre numa reunião de professores para discutir sobre as ações de Merlí, estando este ausente. Além disso, é visível que constantemente existe conflito entre Merlí e Eugeni, com deboches, piadas e insultos indiretos durante toda a primeira temporada.

Em relação aos personagens secundários, existem professores, como Eugeni que é um professor que geralmente tem uma relação mais conflituosa e distante dos alunos. Além disso, alguns alunos que mais são enfatizados na série são Bruno (que é filho de Merlí), Tânia, Pol, Marc, Gerard, Joan, Berta e Mónica, cada um com suas personalidades singulares e apresentando relações diversas com Merlí.

### **Personagens e atores**

Merlí Bergeron, interpretado pelo ator Francesc Orella, é um professor de filosofia com muitas características contraditórias. Ao mesmo tempo em que é

impaciente, também é bem humorado, é egoísta, mas, por exemplo, se importa com o bem estar dos alunos. Por esse motivo, é um personagem muito complexo que faz com que o telespectador sinta coisas ambíguas por ele, simultaneamente. No entanto, umas das poucas constantes de Merlí são o seu amor pelo conteúdo que leciona e sua boa vontade para dar aula e ajudar os alunos.

Pol Rubio, interpretado pelo ator Carlos Cuevas, é um aluno repetente que para quase todos os professores é problemático, mas para Merlí é o seu favorito. Pol passa por muitos problemas em casa, especialmente financeiros e é muito popular entre os colegas. Apesar de vacilar com os colegas algumas vezes, costuma tentar reparar e pedir desculpas. Mónica de Villamore, interpretada pela atriz Júlia Creus, é uma aluna inteligente, dedicada e bem humorada, mas que não aceita injustiças. Berta Prats, interpretada pela atriz Candela Antón, é uma aluna pouco dedicada, mas muito criativa e com grande interesse artístico.

Joan Capdevilla, interpretado pelo ator Albert Baró, é um aluno inteligente e dedicado, com problemas com o pai autoritário, o que o transforma em um rebelde, mas que por conta de um problema de saúde de seu pai, ambos fazem as pazes. Bruno Bergeron, interpretado pelo ator David Solans, é filho de Merlí, egoísta às vezes, apaixonado por Pol e inicialmente tem vergonha de sua sexualidade, procurando escondê-la. Tânia Illa, interpretada pela atriz Elisabet Casanovas, é uma aluna muito simpática, alegre e participativa. Marc Vilaseca, interpretado pelo ator Adrián Grösser, é o palhaço da turma, bem humorado, sempre procura fazer piadas. Gerard Piguillem, interpretado pelo ator Marcos Franz, é um aluno que demonstra ter um pouco de dificuldade para entender as coisas e é apaixonado por Mónica.

Será realizada então uma análise de conteúdo e as categorias utilizadas para compreender a observação feita serão: motivação/suporte dado pelo professor aos

alunos, relação pessoal próxima com alunos dentro e fora da sala de aula e a participação/engajamento dos alunos na aula.

Para muitos professores, a construção do relacionamento interpessoal com os alunos faz parte do ato de ensinar, perpassa a maneira como se ensina, é uma parcela do ensino em si (García-Moya et al., 2019), ainda assim depende do investimento do professor e de suas escolhas. Por isso, serão analisados vários aspectos relacionados a ações na sala de aula no processo de ensino para delimitar como se dão esses relacionamentos.

### **Motivações Provocadas pelo Professor**

Interpretando conceitos de Frymier & Houser (2000), pode-se entender que essa motivação ocorre quando o professor encoraja, recompensa e/ou reforça o comportamento ou atitude dos(as) alunos(as) que sejam vantajosas para seu aprendizado e desempenho. Além disso, é vista quando o professor expressa por meio de ações e comportamentos, confiança e crença na capacidade do(a) aluno(a) em ter bom desempenho. Por fim, pode-se também observar maior motivação dos alunos quando o conteúdo lhes é apresentado pelo professor de forma clara e palpável, que instigue interesse e curiosidade ou ainda, que o professor mostre aos alunos seu próprio entusiasmo em relação ao que está ensinando.

### **Engajamento dos Alunos em Sala de Aula**

Uma das formas mais comuns e eficazes de engajar os alunos em sala de aula é fazer-lhes perguntas. Dentre as várias formas de classificar os tipos de perguntas, nesse estudo utilizaremos duas: tipo de demanda cognitiva e tipo de acompanhamento ou de *feedback*. O tipo de demanda cognitiva refere-se a se a pergunta exigiu que os alunos

manipulassem o conhecimento ativamente (alta demanda cognitiva) ou se apenas exigiu que lembrassem o conteúdo (baixa demanda cognitiva) (Redfield & Rousseau, 2015).

O tipo de acompanhamento, uma relação sequencial pergunta-resposta-acompanhamento entre professor e aluno, dá duas possibilidades pedagógicas ao tutor dependendo de sua função. As possíveis funções desse tipo de interação são as de verificar se os alunos compreenderam o conteúdo (função avaliativa), em que normalmente há uma resposta pré-determinada que será confirmada se correta ou corrigida se errada; e de formar a aula em conjunto de acordo com as respostas (função discursiva), em que não há necessariamente a expectativa de uma resposta específica pois são incorporadas no fluxo discursivo da aula (Cullen, 2002).

### **Relação Próxima entre Aluno e Professor Dentro e Fora da Sala de Aula**

A relação próxima dos professores com alunos mostra uma forma de engajamento especial que depende não somente da presença e da transmissão de conteúdos, mas de uma dimensão emocional e afetiva (Hargreaves, 2000). Sendo assim, tal relação será caracterizada pela proximidade e grande quantidade de interações, tanto sobre assuntos de aula, quanto assuntos tangentes ou mesmo não relacionados.

### **Resultados e Discussão**

A seguir será feita a análise qualitativa de resultados com base nas categorias de análise pré-definidas, assim como será demonstrada sua relação com os referenciais teóricos.

### **Motivação Provocada pelo Professor**

Já no primeiro episódio da série, em sua primeira aula ministrada no Instituto Ángel Guimerá, Merlí diz à sala de alunos, com cerca de 25 alunos do Ensino Médio, que ele deseja “que vocês se excitem com a Filosofia”. Uma maneira pouco

convencional de mostrar aos alunos seu próprio entusiasmo pela disciplina. Ele continua, “proponho contagiá-los com meu interesse pela filosofia”. Assim, como Carvalho et al. (2007 como citado em Meireles, 2015) trazem, apesar de o apoio do professor ser um fator crucial na motivação dos alunos, quando o professor não está em si motivado, o que pode ocorrer por não ter boas condições de trabalho, por sobrecarga, por fatores externos, ou até mesmo pela baixa remuneração, o aprendizado dos alunos poderá ser comprometido. Afinal, é importante que o professor comunique seu entusiasmo e interesse aos alunos, de modo a interferir na motivação deles (Carvalho et al., 2007, citado por Meireles, 2015). Vale ressaltar que isso não é de inteira responsabilidade do professor, pois a ele deve ser oferecido um contexto que facilite e possibilite tal comportamento.

Em relação ao reforço dado por Merlí às atitudes dos alunos, enquanto ministrava sobre os Peripatéticos, filósofos alunos de Aristóteles, o aluno Pol pergunta a Merlí se todos podem filosofar. Logo depois, o professor pergunta a Pol o que ele pensa sobre isso, então, Pol responde e logo depois Merlí comenta: “Acaba de se tornar meu aluno preferido!”. Após isso, Pol e seus colegas demonstram felicidade e empolgação, pois sorriem, e enunciam frases como “Vamos!” e “Oba, cara!”. Este é claramente um comportamento de reforço por parte de Merlí, que pode interferir de maneira positiva na motivação dos alunos. Como demonstram Frymier e Houser (2000), o fato de o professor apoiar e reforçar comportamentos dos alunos que serão vantajosos para o aprendizado deles é essencial, pois isso faz com que os alunos melhorem sua autoestima e bem-estar na sala de aula, impactando positivamente em seu desempenho escolar.

Outros exemplos disso são na aula em que a temática é o filósofo Platão, a turma está trabalhando em conjunto na construção de um poema baseado na noção de amor platônico e ele diz “muito bem” para os alunos que participam e encoraja que os alunos

que elaboraram versos os compartilhem com a turma, mesmo que estejam apreensivos em relação a isso. Isso é visto com os alunos Marc, Tânia, Joan, dentre outros. Nessa mesma situação, quando os alunos começam a rir do verso que Joan criou e está lendo, Merlí fala que tirará da sala quem rir mais, encorajando Joan a continuar lendo. Após isso, Merlí disse que os versos ficaram ótimo e todos os colegas, além de Merlí, batem palmas de modo sincero, não irônico, mostrando como gostaram e também reforçando esse comportamento de Joan. Logo depois, Joan sorri, demonstrando satisfação. Nessa situação, assim como em algumas outras citadas neste item, é evidente a importância desse reforço, pois como demonstrou Skinner (1974) em seus experimentos, o comportamento é modelado pelas suas consequências, ou seja, ao ser reforçado, tal comportamento aumentará sua probabilidade de acontecer novamente. Ter consciência disso no contexto educacional é de extrema relevância, pois possibilita que sejam selecionados comportamentos mais condizentes com maior participação e interesse na aula, o que poderia prever melhor desempenho e menos evasão escolar.

Além disso, na aula sobre Maquiavel, Merlí direciona uma pergunta à Mónica e após sua resposta ele comenta com veemência que foi uma reflexão excelente. Ainda, no episódio que trata de Aristóteles, Pol faz uma reflexão para a sala sobre felicidade e trabalho, e Merlí o recompensa dando-lhe mais meio ponto na prova que farão mais tarde. Tal comportamento de recompensar é citado por Frymier e Houser (2000) como uma maneira muito efetiva de motivar os alunos e é considerado um comportamento de apoio.

No quesito de incentivo, em uma aula ministrada sobre Schopenhauer, o professor direciona algumas perguntas à turma e Pol responde, logo, Merlí diz: “vá mais além”, de modo a incentivar o aluno a discorrer mais sobre o assunto e chegar a



melhores conclusões. Quando o aluno responde, Merlí logo comenta: “exatamente!”, mais uma vez reforçando o comportamento de participação e de reflexão dos alunos.

Existe ainda um momento muito importante na relação de Pol e Merlí, quando eles estão sozinhos na sala de Merlí e ele entrega a nota da prova de Pol. O aluno havia tirado 10 na prova, o que foi demonstrado durante a cena que nunca havia acontecido isso com este aluno em especial. De modo a deixar claro como isso é importante, e também para incentivar o aluno a continuar assim e a aumentar sua autoestima, Merlí comenta com veemência como ele havia feito uma prova excelente, que soube argumentar com suas próprias palavras, entendeu muito bem os conceitos e que se percebe como ele gosta da matéria. Além disso, comenta: “você tem talento para a Filosofia”. Como Pol estava considerando deixar de estudar, pode-se compreender que essa ação de motivação e incentivo por parte do professor influenciou inclusive na permanência estudantil.

Por fim, no ponto de tornar as suas expectativas claras, assim como seus objetivos, para que os alunos se sintam mais seguros, isso ocorre logo na primeira aula de Merlí, em que ele consta que os alunos só precisam ouvir e aprender a pensar em sua aula. De acordo com Frymier e Houser (2000) essa é uma questão que pode predizer a motivação dos alunos, pois reduz sentimentos de incerteza por parte deles, assim como o fato de o professor explicar um conteúdo de maneira clara e efetiva também interfere na motivação, como, por exemplo, quando Merlí explica os conteúdos relacionando-os com a realidade e o dia a dia dos alunos, o que acontece em quase todas as aulas. Ambos os quesitos facilitam o processo de ensino e aprendizagem.

### **Engajamento dos Alunos em Sala de Aula**

No terceiro episódio, em uma aula sobre o filósofo Maquiavel, Merlí discorre sobre o posicionamento político do filósofo em que há a defesa de um Estado cujo poder está acima de tudo e, dessa forma, tem a legitimidade de recorrer a medidas extremas em situações extremas, incluindo a fraude e a crueldade. Em seguida, utiliza um acompanhamento discursivo (Cullen, 2002) ao pedir a opinião de Mónica que, por sua vez, considera forte o Estado passar por cima da lei para se defender e indaga a legitimidade de dispor das vidas dos cidadãos sem limites. Claramente, foi uma elaboração de alta demanda cognitiva que relacionou o conteúdo com várias questões morais e éticas (Redfield & Rousseau, 2015) que, merecidamente, recebe o acompanhamento positivo do professor (Cullen, 2002).

No sexto episódio, Merlí explica a visão de Schopenhauer sobre a má natureza do homem, cuja inteligência é o que o torna capaz de machucar. Em seguida explana que, de acordo com o filósofo, a única coisa que existe no mundo são os desejos, pois nunca os saciamos totalmente; até que indaga à classe quais as consequências disso, utilizando um acompanhamento avaliativo (Cullen, 2002). Pol responde inicialmente que é a frustração, mas ao ser incentivado a ir mais além corrige afirmando ser o sofrimento e o professor confirma. Como nunca teve contato com o conteúdo do filósofo dessa aula, foi uma resposta de alta demanda cognitiva que exigiu uma reflexão sobre o ponto de vista de Schopenhauer (Redfield & Rousseau, 2015).

No episódio 12, Merlí faz uma pergunta discursiva de baixa demanda cognitiva ao perguntar se alguém sabe o que é a filantropia (Redfield & Rousseau, 2015), utilizando isso como ponto de partida de uma discussão a respeito do assunto. Tânia responde que é o amor por algo, sem saber dizer exatamente o que. Posteriormente, Merlí dá o acompanhamento respondendo que é o amor pela humanidade.

Portanto, Merlí não só mantém os alunos engajados, mas também o faz de maneira muito eficiente. No entanto, limitar essa categoria de análise apenas às perguntas realizadas por Merlí é ineficiente, pois é possível que os alunos estão engajados ao observar que eles tomam a iniciativa e fazem perguntas eles mesmos, sendo que a maior parte delas são elaborações de alta demanda cognitiva. Isso é observado em quase todos os episódios analisados. No episódio 4, por exemplo, sobre Aristóteles, Merlí explica que de acordo com o filósofo é preciso trabalhar para ser feliz. Pol questiona se tal afirmação não é contraditória, pois as pessoas são infelizes trabalhando. Foi um questionamento de alta demanda cognitiva (Redfield & Rousseau, 2015) que recebeu um acompanhamento extremamente positivo por parte do professor, que dá meio ponto a mais na prova como recompensa. Inúmeras cenas como essa demonstram que os alunos costumam estar engajados durante a aula. Algumas poucas exceções são quando os alunos conversam pelo celular e entre si, ou quando Berta desenha durante a aula.

### **Relação Próxima entre Aluno e Professor Dentro e Fora da Sala de Aula**

Desde sua apresentação, Merlí tem durante a aula diversas falas voltadas à vida pessoal de estudantes e de si mesmo, além de reflexões sobre questões tocantes à vida material. Algumas falas nesse sentido ocorrem aos 16 minutos e meio do primeiro episódio (Os peripatéticos) da primeira temporada (todas as cenas usadas aqui farão parte da primeira temporada), durante a sua apresentação como novo professor para a sala de aula:

Merli - [...] E, sobretudo, como nem sempre se ganha nessa vida, para aprender com as derrotas. Eu sei um pouco do assunto. Ontem por exemplo, fui despejado de meu apartamento, que era alugado [fala e logo após ri junto à turma]. [...] Vocês e eu temos duas coisas em comum, agora que penso nisso.

Moramos na casa da mamãe, e não temos nem um euro [Merlí e o resto da sala riem].

Pol - E diz isso tão tranquilo, como se isso não o afetasse.

Merlí - O que quer que eu faça? Que chore? Não, prefiro rir da adversidade.

Vamos. Contem-me algum problema pessoal, rindo. Quem quer começar? [...]

Joan - Meu nome é Joan Capdevilla. E meu problema é... Bem, não sei se é um problema, mas sou muito tímido. [Durante a fala, Joan abaixa levemente a cabeça, move rapidamente os olhos mudando de foco, aproxima o queixo do pescoço e apresenta movimentos rápidos da cabeça]

Merlí - Sim. Mas diga isso rindo.

Joan - Sou muito tímido [fala junto à uma risada e ao mesmo tempo cerrando levemente os olhos, enquanto se abaixa na sua cadeira mas também levantando o seu rosto].

Merlí - Mas se atreveu a levantar a mão e falar na frente de todos. Talvez não seja tanto. Alguém mais? [...]

Ao quarto episódio (Aristóteles) da primeira temporada, aos 9 minutos e meio, as seguintes trocas ocorrem:

Merlí - Para Aristóteles, a felicidade não é um estado. É uma atividade. Só no fim da vida... [neste momento Pol aparece em foco, com o rosto e os olhos voltados para a direção de Merlí (se supõe pelo jogo de câmera), com a boca levemente aberta e se inclina levemente para a frente] se pode dizer se você é feliz, ou não. Querem ser felizes? Aristóteles diz que têm que trabalhar por isso.

Pol - Mas isso não é uma idéia contraditória?

Merlí - Qual?

Pol - Que temos de trabalhar a felicidade? O trabalho é uma escravidão. Basta ver as pessoas, entrando no metrô todo dia. Tem cada cara! Então? Não sei.

Pode se ser feliz trabalhando?

Merlí - Ganhou meio ponto mais na prova. [...]

Os trechos transcritos foram selecionados por fazerem referência a assuntos, acontecimentos, e contextos que não fazem parte da aula (em relação ao conteúdo) mas fazem parte da interação e da construção de uma relação entre alunos-professor. A proximidade, no entanto, não é formada somente por interações na sala de aula, é uma opção dos(as) professores(as) (ou no caso da série também por opção dos alunos procurando ajuda de Merlí) manterem relação em ambientes outros que a sala de aula, às vezes também fora da escola.

Tais interações podem ser vistas por momentos como aos 18 minutos do sétimo episódio (Foucault) quando Pol, após ter sido posto fora da aula de outro professor por ter chegado atrasado tem, entre outras, a seguinte interação:

[...] Merlí - Pol, entendo perfeitamente como é ruim não ter dinheiro.

Pol - Por isso, gostei de você no primeiro dia. Porque o tinham expulsado de um apartamento que você não pagou. Pensei: “Vejam! Esse é um dos meus. E não levamos desaforo para casa”. Tínhamos uma hipoteca que não podíamos pagar. Não sei se vou continuar estudando.

Merlí - Acho que deveria continuar.

Pol - Por quê?

Merlí - Porque, por exemplo... fez uma prova excelente

Pol - O quê? [Enquanto pega uma folha de papel dada por Merlí, abre os olhos e abre a boca em formato circular] Um dez? Caramba, nunca tinha tirado um dez na minha vida!

Merlí - Você se saiu muito bem. [...]

Além desses, no décimo episódio (Os céticos) aos 27 minutos e meio, Joan aparece na casa de Merlí após uma briga com seus pais e acontece o seguinte diálogo:

Joan - Destruí a maquete do meu pai. Não quero voltar. Deixe-me dormir aqui hoje. Bati a maquete contra a parede. Quinhentas peças...

Merlí - Tenho certeza que a mensagem ficou clara.

Joan - Querem que eu mude de escola. Querem que eu faça o segundo ano em outro lugar e me separe de todos.

Merlí - Você precisa se acalmar.

Joan - Não, me deixe. Vejo que não quer me ajudar outra vez [No mesmo episódio, aos 16 minutos e meio, Joan e Merlí discutem por Merlí ter avisado aos pais de Joan que ele teve um coma alcoólico em uma festa da turma, sendo o desfecho da discussão Joan concordar com o conselho de Merlí sobre confrontar seus pais].

Merlí - O que você fez foi ótimo. Foi uma maneira de fazê-lo ouvir você.

Joan - Não quero voltar. Não voltarei.

Merlí - Acha que é o momento de fugir? Agora que você já começou? [...]

Nessas cenas, Merlí assume o papel de conselheiro para os estudantes, sendo para Pol sobre problemas como necessidade econômica e seu futuro, ou seja, para Joan sobre problemas com sua família. Por meio dessas cenas e outras, Merlí é mostrado como um professor ao mesmo tempo em que é um amigo, alguém que oferece apoio emocional e alguém disposto a escutar e aconselhar seus (suas) estudantes. Além disso, fica muito aparente o espelhamento de Pol no seu professor quando, na sua primeira fala da penúltima cena, ele diz ter gostado de Merlí ao perceber a situação financeira semelhante e a conduta sobre. Um último ponto da análise que vale trazer são as

frequentes discussões entre Merlí e o pai de Joan, como, por exemplo, a que acontece aos trinta e sete minutos e meio do décimo segundo episódio (Hume).

A literatura, como mostrado durante a fundamentação, demonstra benefícios por causa de relações próximas em diversos pontos tanto a estudantes quanto a professores (as). Essa relação de proximidade demonstrou criar forte apelo emocional para os dois lados (Hargreaves, 2000), minimizar comportamentos agressivos e disruptivos (McGrath e Bergen 2019; Buyse et al., 2010), ter correlação com a sensibilidade (Buyse et al., 2010) que é importante para métodos de ensino voltados para estudantes, sendo que esses geram maiores benefícios para o futuro dos mesmos (Cornelius-White, 2007), entre outros.

Ensinar é uma prática emocional. Interagindo com várias crianças e adultos todo dia de trabalho, professores usam suas emoções todo o tempo. Esse uso de emoção pode ser útil ou prejudicial, elevando os padrões da turma ou abaixando-os; construindo colegialidade e companheirismo parental ou colocando os adultos à distância. [...] Emoções estão localizadas não somente na mente individual; elas estão inseridas e expressadas nas interações e relações humanas (Hargreaves, 2000, p. 824, tradução dos autores).

Para vários professores e professoras a proximidade é um elemento importante da atividade de dar aulas (O'Connor, 2008; Hargreaves, 2000), funcionando como forma de reforço e por vezes ajudando a dar sentido à profissão. Portanto, é coerente a crítica que Hargreaves (2000, pp.825, tradução dos autores) faz:

Se formos sérios sobre padrões, nós temos de ser sérios sobre emoções também e olhar de volta para as condições organizacionais e expectativas profissionais que podem aumentar a compreensão emocional entre professores(as) e seus(suas) estudantes como uma base para aprendizado.

De fato, produzir melhores condições, por exemplo ambientes e expectativas, onde tais relações vão ser desenvolvidas pode ser um ponto de foco para a melhoria da escola na busca de seus objetivos de desenvolvimento.

No entanto, a proximidade que alguém na posição de professor (a) vai ter de alunos (as) deve depender de uma escolha desse alguém, pois como mostrado por García-Moya et al. (2019), enquanto alguns(mas) decidem por uma relação mais próxima (às vezes visando complementar as inseguranças em relação à própria capacidade de dar aula), alguns(mas) decidem por não levar para suas vidas pessoais as demandas emocionais que os(as) alunos(as) trazem na sala. Além disso, embora muito seja trazido na literatura sobre o lado positivo da relação próxima entre professores(as) e alunos(as), também é trazido o contraponto negativo que vem juntamente aos benefícios. O'Connor (2008) traz que a relação próxima, ao mesmo tempo em que pode servir como produtor de significados e razões para a identificação com a profissão, pode ter consequências ao tornar a vida dos alunos(as) algo pessoal demais para quem estiver dando aulas, muitas vezes sendo negativas, como, por exemplo, o que foi trazido pela entrevistada Christina:

Você precisa de uma distância saudável, algo que eu não compreendi de verdade no começo. Porque você precisa ser efetivo... [Em] tantas noites, eu cheguei em casa e chorei, eu absolutamente chorei. Porque eu estou lidando com as emoções dessas outras pessoas. . . (O'Connor, 2008, p.125, tradução dos autores).

Portanto, por mais que seja pertinente melhorar as condições que afetam as variáveis emocionais concernentes a essa relação bilateral, não podemos nos apoiar na noção de que a proximidade é a resposta válida para a melhoria do sistema de ensino, de que professoras e professores devem se responsabilizar pelo apoio emocional de estudantes e de que eles devem escutar e se envolver nas vidas de outros enquanto têm



seus próprios problemas e demandas emocionais. A proximidade traz também consequências negativas e demandas por vezes inconvenientes. A própria série trata da invasividade que tais relações podem gerar, como na última cena abordada, em que Joan aparece na casa de Merlí e o mesmo precisa levar Joan para casa de seus pais, além de momentos em que está envolvido em discussões com pais, por exemplo, com o pai de Joan, como trazido na análise.

### **Conclusão**

A partir de observações da série televisiva “Merlí” e do cruzamento dessas com a literatura, podemos observar que a relação entre professor(a) e aluno(a) é mais complexa do que um encontro de tempo marcado onde cada um(a) deve produzir/aprender/ensinar o necessário. É muito mais complexa, sendo atravessada pelos aspectos subjetivos dos envolvidos, pelas expectativas de professores(as) e alunos(as), pelas dificuldades que cada um vive em sua vida particular, pelas necessidades, enfim, por uma gama enorme de fatores. Sendo assim, atividades e instituições de ensino devem estar atentas para os obstáculos imediatos que impedem a materialização de seus objetivos (ensino e desenvolvimento social), tendo essa ênfase na aplicação de seus métodos para ter maior sucesso nessa empreitada.

Entende-se, portanto, que o processo de ensino e aprendizagem é constituído em parte essencial pela relação entre aluno(a) e professor(a). Nesse sentido, o estudo desse fenômeno pode trazer muitas contribuições para a ciência psicológica, assim como ela pode trazer ferramentas para melhorar o entendimento e a qualidade do fenômeno em questão. Dessa forma, existem benefícios tanto em relação ao psicólogo educacional orientar os professores e alunos, quanto com a equipe e diretoria da escola, da mesma forma em sua possibilidade de agir como um mediador nessas relações, que por vezes é

conflituosa, visando sempre a saúde e bem-estar de todos os envolvidos, assim como o melhor aprendizado possível por parte dos alunos.

Enquanto limitações dessa pesquisa, é importante notar que se trata da observação de uma obra de arte e conseqüentemente não retrata a realidade de maneira fiel ou completa. No entanto, as obras de arte mostram grande potencial para que se iniciem reflexões e observações sobre os mais variados temas, além de possibilitar a expressão de sentidos, percepções e anseios das pessoas que desenvolvem tais obras. A partir delas podem ser feitas relações e paralelos com a realidade, possibilitando uma compreensão maior acerca dos fenômenos pesquisados, além do fato de essas obras servirem de inspiração para que sejam feitas observações da realidade e experimentos de fato.

A partir dessas observações, puderam-se constatar algumas variáveis que permeiam essas relações, tanto dentro quanto fora da sala de aula, e seus possíveis benefícios. Vale destacar que nessa análise a ênfase permaneceu nas questões relacionais que poderiam vir a trazer benefícios ao aprendizado dos alunos e ao bem estar geral dos envolvidos e não houve ênfase nas questões que poderiam trazer malefícios, conflitos ou ser prejudiciais de alguma forma, tanto na aprendizagem quanto no âmbito dos afetos.

De maneira geral, pôde-se constatar a importância de comportamentos que ativamente motivem, recompensem e apoiem os alunos. Além desses comportamentos, algo observado foi também a relevância de ações que possibilitem o engajamento dos alunos na aula, como, por exemplo, fazer perguntas. Ainda, vale notar a questão complexa que são as relações entre professores(as) e alunos(as), pois quando a relação que supostamente estaria restrita ao ensino e aprendizado extrapola as barreiras do conteúdo programático, um vínculo mais profundo é construído entre participantes dessa relação, gerando com isso tanto benefícios quanto malefícios.

Em futuras pesquisas poderiam ser trazidas mais categorias, como a análise de conflitos dentro e fora de sala e comportamentos de autoridade e poder por parte dos(as) professores(as). Ainda, várias questões relacionadas à metodologia de ensino poderiam ser abordadas, como a maneira de explicar e apresentar os conteúdos, se o(a) professor(a) relaciona os conteúdos com o dia a dia dos(as) alunos(as), se faz uso de recursos tecnológicos, se organiza debates, se é aberto à opinião dos(as) alunos(as) e negociações, etc. Além disso, podem ser explorados comportamentos de ajuda do(a) professor(a), como quando algum(a) aluno(a) apresenta dificuldades na disciplina, ou quando a proximidade com alunos(as) gera condutas que favorecem alguns(mas) enquanto ignora outros(as).

Outros temas que futuramente poderiam ser explorados seriam: como a relação entre aluno(a) e professor(a) afeta na permanência estudantil, na saúde mental dos envolvidos, no estresse e sobrecarga sentido pelos(as) professores(as) e também em como essa relação poderia afetar a comunicação com os pais ou responsáveis dos alunos.

Por fim, existem várias outras séries televisivas e filmes que abordam o tema da relação entre aluno e professor, além de obras literárias e peças teatrais, que podem ser utilizadas em outras investigações. O universo da arte é de extrema riqueza e pode sim ser uma ferramenta muito útil à ciência e à profissão críticas do psicólogo.

### **Referências**

Bergen, P. V., & McGrath, K. F. (2020). Nurturing close student-teacher relationships.

*Inclusive education for the 21st Century*, 296–316.

<https://doi.org/10.4324/9781003116073-16>

Buyse, E., Verschueren, K., & Doumen, S. (2010). Preschoolers' Attachment to Mother and Risk for Adjustment Problems in Kindergarten: Can Teachers Make a

Difference? *Social Development*, 20(1), 33–50.

<https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2009.00555.x>

Cornelius-White, J. (2007). Learner-Centered Teacher-Student Relationships Are Effective: A Meta-Analysis. *Review of Educational Research*, 77(1), 113–143.

<https://doi.org/10.3102/003465430298563>

Cortes, Eduard & Fite, M. (2015). Merlí [Série]. Netflix.

Cullen, R. (2002). Supportive teacher talk: the importance of the F-move. *Elt journal*, 56, (2), 117–127. <https://doi.org/10.1093/elt/56.2.117>

Frymier, A. B., & Houser, M. L. (2000). The teacher-student relationship as an interpersonal relationship. *Communication Education*, 49(3), 207–219.

<http://dx.doi.org/10.1080/03634520009379209>

García-Moya I., Moreno C., & Brooks F. M. (2019). The ‘Balancing Acts’ of Building Positive Relationships with Students: Secondary School Teachers' Perspectives in England and Spain. *Teaching and Teacher Education*, 86 (102883).

<https://doi.org/10.1016/j.tate.2019.102883>.

Hargreaves, A. (2000). Mixed emotions: teachers' perceptions of their interactions with students. *Teaching and Teacher Education*, 16, 811–826.

McGrath, K. F., & Van Bergen, P. (2019). Attributions and emotional competence: why some teachers experience close relationships with disruptive students (and others don't). *Teachers and Teaching*, 1–24.

<https://doi.org/10.1080/13540602.2019.1569511>

- Meireles, C. D. (2015). *O Papel da Motivação na Prática Docente* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba].
- O'Connor (2008). "You choose to care": Teachers, emotions and professional identity. *Teaching and teacher education* 24, 117–126.  
<https://doi.org/10.1016/j.tate.2006.11.008>
- Redfield, D. L., Rousseau, E. W. (2015). A Meta-analysis of Experimental Research of Teacher Questioning Behavior. *Review of Educational Research*, 51 (2), 237-245.
- Skinner, B. F. (1974). *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Editora Cultrix
- Távora, L. G., Amorim, L.T., Teixeira, J. P., Mota, H. M., Costa, T. B., & Costa, V. F. (2020). Características de um Professor Exemplar: Percepções de Estudantes e Professores. *Revista Brasileira de educação médica*, 44 (3),#3-7#.  
<https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20190252>
- Yu, T., & Chen, C. (2012). Thinking styles and preferred teacher interpersonal behavior among Hong Kong students. *Learning and Individual Differences*, 22, 554–559.  
<https://doi.org/10.1016/j.lindif.2012.02.002>
- Wilén, W. W., & Clegg, A. A. (1986). Effective Questions and Questioning: A Research Review. *Theory & Research in Social Education*, 14(2), 153–161.  
<https://doi.org/10.1080/00933104.1986.10505518>